

Acontecimento de corpo e transferência na clínica com autistas

Tânia Abreu (EBP/AMP)

Após novembro de 2012 quando na Bahia aconteceu a Conversação Clínica, O autismo hoje e seus mal-entendidos, da qual Éric Laurent foi o convidado e quatro colegas apresentaram casos clínicos, alguns índices que eu observava na clínica com crianças autistas se deslocaram do campo da inquietação para uma busca de formalização. É o que desenvolvo neste trabalho através de algumas articulações entre acontecimento de corpo e transferência nesta clínica, que exige do analista uma postura ativa e uma abertura à invenção mais do que em qualquer outro eixo clínico.

1. Autismo: uma clínica do Real

Partirei da tentativa de precisar o que, segundo os ensinamentos de Lacan, o termo autismo nomeia, salientando alguns pontos cruciais na abordagem psicanalítica desta clínica.

Considero que esse tópico sobre o diagnóstico de autismo é necessário, não só devido às polêmicas em torno das causas ou causa do autismo, como querem alguns, mas sobretudo porque vemos atualmente cada vez mais, corpos infantis invadidos por um “gozo autístico”, paralizante, provocado pela sideração frente aos gadgets oferecidos pelo mercado de consumo que são muitas vezes usados, devido às contingências familiares, como “babás” das crianças. A consequência imediata desta realidade é um isolamento das crianças do contato com o Outro e a indevida inclusão das mesmas na categoria de Transtorno do espectro Autista, já que elas não têm uma verdadeira perturbação na relação com o Outro que caracteriza, dentre outros fatores, os autismos segundo a psicanálise de Orientação lacaniana.

Ansermet nos adverte que o autismo é uma patologia limítrofe entre a medicina e a psicanálise, visto que aciona as questões de uma clínica do real. Segundo este autor “falta um elo na etiologia ou na patogenia do autismo”, o que nos leva a um labirinto de hipóteses se seguirmos a lógica causa-efeito. A proposta de Ansermet é que pensemos uma continuidade entre a dimensão do organismo e a do sujeito. Assim pensado, o autista estaria na fronteira da linguagem, confrontado às suas leis, mas por elas petrificado. O autista não seria, portanto, o indivíduo mudo, que tapa os ouvidos, como classicamente se imagina ou se interpreta suas estereotipias, mas um sujeito cujo funcionamento subjetivo tem suas raízes na relação com a linguagem, definida por Lacan como “elucubração de alíngua”. Segundo Barroso, “por não ter sofrido a incidência do discurso do mestre sobre alíngua, o corpo do autista permanece a deriva do gozo infinito”. Essa contingência leva o sujeito autista a constantes trabalhos de regulação como meio de defesa e como forma de ciframento de gozo.

A clínica com crianças autistas atesta, como salientou Lacan, que menos do que mudos, os autistas são verbosos, visto que se protegem do verbo. Segundo estudiosos contemporâneos como Laurent e Maleval, o depoimento de autistas de alto nível, como Donna Williams e Temple Grandin entre outros, apontam que a linguagem serve mais para gozar do que para comunicar. Inúmeros são os efeitos, no nível de distúrbios de linguagem, desta não mutação do real em significante. Como exemplo, lembramos o apego dos autistas aos rótulos, mapas e outros ícones que favorecem tanto o pensamento em imagens como uma certa rigidez dentro do campo da linguagem: a cada objeto sua designação, havendo uma incapacidade para generalizações ou abstrações. O mundo dos semblantes para os autistas é deficitário, uma vez que o significante se apresenta apenas em sua face real.

2. Acontecimento de Corpo: uma fixação

Segundo Éric Laurent, falar não é um ato cognitivo, mas algo da ordem de um arrancamento (arrachement) no real, de uma mutilação. O encontro com a palavra para o sujeito autista tem o efeito

de uma “paulada” no seu gozo de corpo vivo, deixando-o servo do UM de gozo que não pode ser apagado. É o que nos descreve o autor citado nesta passagem:

“(...) no campo do espectro dos autismos, o Um de gozo não pode ser apagado; não há apagamento dessa marca do acontecimento de corpo. É isto o acontecimento de corpo: uma palavra é pronunciada, e a criança fica submetida a um horror particular, como indicara o Dr. Lacan, em sua Conferência sobre o sintoma, em Genebra”. Esse não apagamento do Um marca o corpo como um corpo que goza de si mesmo, num para além do Princípio do Prazer. Estamos numa zona terrível, uma zona de gozo. Nas distintas práticas dos sujeitos autistas com seu corpo, com as quais eles tentam estabilizar sua relação com o acontecimento de corpo, vemos a demonstração de como o corpo é invadido por um pleno de gozo e também que esses sujeitos tentam extrair algo do corpo.

A passagem acima nos permite adotar três direções na construção do texto: uma clínica, lembrando que a teoria em psicanálise caminha sempre de mãos dadas com o caso clínico, e duas teóricas, visto que ela nos leva a abordar as operações de extração de gozo e a iteração do UM de gozo, tal como proposta por Jacques-Alain Miller em seu último curso O Ser e o Um não perdendo de vista a articulação com a transferência e suas singularidades na clínica com autistas.

Retiro a vinheta clínica da minha própria prática com crianças autistas: trata-se de José, uma criança que fora encaminhada para tratamento antes dos três anos de idade e que, nos momentos de angústia, evidenciados sobretudo quando se depara com a falta simbólica, com o Outro que diz “não”, provocava vômitos enfiando o dedo na garganta, antecedido por forte choro. Entendemos que a criança autista tem um acesso direto ao Real, o que quer dizer não intermediado pelo simbólico. Real ao qual nada falta, obrigando o sujeito a esburacá-lo. O choro e o vômito, no caso de José, teriam esta função de esvaziamento deste Real pleno, ou seja, um gozo invasivo e infernal que configura o acontecimento de corpo. É importante salientar que o ato de comer para esta criança é marcado com contingências que o singularizam em sua história.

A iteração do Um de gozo no campo do autismo caracteriza-se, como dito acima, pelo não apagamento do acontecimento de gozo. Tal iteração é marcada pela repetição de um S1 que não remete a um S2, portanto em um campo no qual o Real não fora tocado pelo simbólico, ou seja, um campo fora do sentido. Essa prevalência do Um leva a uma fixidez, o que se expressa no autismo como um excesso de gozo em um corpo no qual o a não teve a função de fazer borda. Produz ao contrário um corpo inflado de gozo, da ordem do excesso, carente de uma coordenada fálica que o proteja. Para se defender, o autista se encapsula, cria barreiras à aproximação do Outro e seus objetos, que não funcionam como objetos pulsionais que servem às trocas, mas como objetos reais que se caracterizam por uma presença excessiva.

Consequência imediata da ausência do que Maleval denomina de “segunda extração de gozo”, a separação, responsável pela constituição de uma fantasia fundamental nas neuroses. Em contrapartida este autor salienta que não se pode dizer que os autistas não estejam na alienação, “primeira extração de gozo”, uma vez que são afetados pela negatividade da linguagem, mas que a rejeitam. A eleição de/Os objetos autísticos, que funcionam não como moedas de troca tal como os pulsionais, mas como complementos do corpo sem forma, adquirindo/adquirem o estatuto de borda entre o corpo e o mundo exterior, atestam/atestando o pertencimento ao campo da linguagem.

No caso de José, sua eleição recaiu sobre os carros, aos quais se refere sempre com a mesma entonação e dos quais elegeu o movimento circular das rodas que detêm seu olhar de modo privilegiado. Na escola não se separa dos mesmos, o que demonstra o caráter de suplementariedade deste objeto, como se fora um órgão do seu corpo. Esta eleição de José e seu comportamento de “cola” já é associado pelos colegas à sua singularidade, o que evita tentativas de lhe retirarem este objeto que ele sempre porta à mão.

3. Transferência: o encontro com uma invenção

Em seu comentário de um dos casos apresentados na Conversação citada no início deste tex-

to, Laurent salientou que a transferência não se dava pelo viés do diálogo, mas sim pela modulação da voz, acrescentando: “pelo intercâmbio da voz e do olhar”. Não me deterei aqui neste caso clínico, destacando apenas o fato de que este comentário me permitiu entender porque a transferência nesta clínica não se dá pelo viés do sujeito suposto saber, mas sim pelas possibilidades que o analista tem de “aceitar os tratamentos possíveis do insuportável do Um da língua sobre o corpo”. Deste modo é preciso acolher o tratamento singular que cada autista deu ao seu acontecimento de corpo, o que equivale dizer acolher o tratamento que ele deu ao encontro com o Outro para que possa ampliá-lo, “permitindo um registro da letra o mais amplo possível”.

Para concluir, retomo o caso de José no qual o trabalho transferencial se iniciou através da informação dos pais que José tinha um apego especial por folhas de papel e lápis. Na primeira sessão, José se interessou por folhas de papel em branco que se encontram sobre uma mesinha no consultório nas quais rabiscou, silenciosamente, traços soltos como peças destacadas do nada. Aos poucos, a analista percebeu seu interesse pelos movimentos circulares, informação confirmada pelos pais ao destacar seu especial interesse pelos carrinhos. Vai desenhando com eles círculos, e emitindo a palavra “bola”... “bola”, sempre com a mesma entonação. José aceita a brincadeira e compartilha com a analista o desenho. Posteriormente, “a vez de cada um é nomeada” com a repetição dos nomes dele e da analista.

A hipótese com a qual a analista está trabalhando para formalizar o efeito que se verifica com a aquisição de novos vocábulos, é que o acolhimento daquele interesse pelo movimento circular circunscrito, num primeiro momento ao papel, e configurado posteriormente na eleição dos “carrinhos” como objeto autístico, permitiu uma certa elasticidade em relação ao encontro traumático que esta criança teve com a palavra, acontecimento de corpo, causando certo apaziguamento da angústia e deslizamento metonímico.

Cabe lembrar que José tem apenas três anos e que muito tem pela frente a alcançar.